

Economia “A reativação das vendas ainda não provoca novos investimentos”

por George Vidor
do Rio

A dívida externa já não assusta tanto os acionistas de companhias estrangeiras instaladas no Brasil. “O que mais preocupa agora é a inflação, pois nem eles, nem nós conseguimos dar uma resposta para o problema”, diz Abel Carparelli, presidente da Shell Brasil.

Carparelli é de opinião que o País ainda terá uma boa dose de inflação pela frente, mesmo porque, para reduzir o déficit do setor público, o governo terá de adotar tarifas e preços mais realistas nas áreas de energia elétrica, derivados de petróleo, álcool, telecomunicações, aço, etc. “Embora a energia elétrica pese pouco no custo da indústria brasileira como um todo, a não ser em algumas exceções, como é o nosso caso na Valesul, do setor de alumínio, o reajuste de tarifas sempre adiciona algo à inflação.”

O presidente da Shell Brasil acha que a reativação das vendas na economia brasileira também vai gerar pressões inflacionárias, porque as empresas não estão aumentando sua produção na mesma proporção. “Era de esperar que os setores que têm operado tradicionalmente com capacidade ociosa aproveitassem a oportunidade, mas isto não está acontecendo.”

A retomada industrial é difícil no primeiro momento, explica o empresário, porque uma fábrica sempre depende de muitas outras para ampliar sua produção. “A retomada tem de ser então em linha. Se algumas empresas estão reticentes em fazer investimentos ou ocupar sua capacidade ociosa, as outras ficam também em compasso de espera.”

Carparelli considera natural esse receio, tanta foram os anos de recessão no País. “O empresário tem dúvidas se deve ou não contratar mais gente e pegar empréstimos no banco, porque não tem certeza se o ritmo de crescimento das vendas será mantido.”

6% NO PIB

O presidente da Shell Brasil não vê possibilidade de o Produto Interno Bruto (PIB) crescer menos de 6% neste ano. “Por causa da agricultura, estamos sentindo um grande movimento de negócios no interior do País. Isto se reflete, por exemplo, no consumo de derivados de petróleo e de álcool. Aliás, este não é um fenômeno apenas sazonal, que ocorre sempre de agosto a novembro. Temos observado uma mudança no perfil de consumo de derivados e álcool no Brasil. O interior entra, cada vez mais, com uma parcela maior de consumo, destacando-se a região de Rondônia, Manaus, cerra-



Abel Carparelli

dos no Centro-Oeste, Cara-jás e parte do Nordeste, fora de Pernambuco. A base ainda é pequena, mas já começa a influir sobre o perfil global de consumo no País.

DÉFICIT

O presidente da Shell Brasil é a favor de uma

política de redução do déficit público, mas admite que isto não poderá ser feito na velocidade e na dimensão que o Fundo Monetário Internacional deseja. “O setor público está com um déficit da ordem de 2% do PIB, o equivalente a cerca de 5 milhões de dólares. Esta é a soma de cruzeiros que o governo não tem para cobrir seus gastos e também para adquirir os dólares do setor exportador. O FMI quer que o Brasil zero o déficit e ainda obtenha um superávit operacional correspondente a 4% do PIB. Seria então um ajuste, em cruzeiros, equivalente a US\$ 15 bilhões. De onde tirar tanta recurso?” Carparelli está convencido de que isto não poderia ser obtido sem recessão, um caminho que os atuais governantes não aceitariam, em face dos compromissos que assumiram diante da sociedade.